

SEDUÇÃO, RIVALIDADE E DANAÇÃO EM NOITE NA TAVERNA

Alessandra Accorsi Trindade
Doutoranda / UFRGS

RESUMO: Pretendemos analisar no livro **Noite na Taverna**, de Álvares de Azevedo as experiências dilaceradas dos personagens, que são as mesmas vividas pelo herói Don Juan em **El Burlador de Sevilla**, de Tirso de Molina. A partir da questão do duplo no romantismo encontramos em Tirso de Molina e em Álvares de Azevedo o tema donjuanesco a partir da representação da rivalidade, da busca de identidade do herói com o rival e da sedução da mulher do opositor como algo de valor. Porém, a danação marca o destino do herói romântico.

PALAVRAS-CHAVE: Álvares de Azevedo, **Noite na Taverna**, Don Juan, **El Burlador de Sevilla**, Tirso de Molina, Romantismo.

ABSTRACT: The text is an analysis of the novel **Night in the Tavern** by Álvares de Azevedo, approaching the characters' torn experiences, which are the same lived by the hero Don Juan in **El Burlador de Sevilla** by Tirso de Molina. Beginning with the issue of the duplicity in the romanticism, we find in Tirso de Molina and Álvares de Azevedo the representation of rivalry present in the donjuanesque theme, the search for the hero identity with the rival and the seduction of the wife of the rival as something valuable. However, the damnation traces the destiny of the romantic hero.

KEY WORDS: Álvares de Azevedo, **Night in the Tavern**, Don Juan, **El Burlador de Sevilla**, Tirso de Molina, Romanticism

Desgraçado D. João! Tu não soubeste amar!
Menotti Del Picchia, *A angústia de D. João*

Nesse artigo, pretende-se refletir sobre as ações dos heróis em **Noite na Taverna**, de Álvares de Azevedo, identificando a simbologia literária empregada pelo autor para representar o sujeito no romantismo.

O ponto de partida do estudo é examinar a presença do tema donjuanesco no imaginário do escritor brasileiro a partir da postura dos personagens em **Noite na Taverna**. Assim, tomamos a figura de Don Juan presente no texto de Tirso de Molina, **El Burlador de Sevilla**, como fonte para refletir sobre o herói corruptor, para compreender o papel da mulher e o tema amoroso no texto, tentando revelar a dinâmica interna de suas motivações.

Don Juan é a encarnação mesma dos desejos da humanidade. A convicção que emana do corpo faz com que a ação de Don Juan se concentre nos impulsos. O desejo de transgredir os limites da realidade parte de uma atitude pessoal do personagem, que transforma sua vivência num jogo de conquista e rivalidade, revelando uma forma de vida singular. Don Juan é um personagem que se caracteriza pela ausência de individualidade, pois se apresenta como “*un hombre sin nombre*” (MOLINA, 1996, p. 11).

Segundo Santos (1988), seduzir é a arma utilizada por Don Juan na construção de seu nome. O jogo de sedução, travado entre ele, a mulher e o opositor, constitui-se como um processo de representação, no qual a figura de Don Juan ganha sentido, ao tomar o lugar do seu antagonista. Para Otto Rank, o herói donjuanesco “reivindica as mulheres como um direito que se atribui” (RANK, 1934, p. 66), por isso, coloca-se frente ao rival como um ser superior, suprimindo os obstáculos do seu desejo.

Encontramos, em **El burlador de Sevilla**, o personagem pleno em sua experiência amorosa, infringindo as imposições sociais e morais. Para seduzir Isabela, faz-se passar por Duque Octavio. Em outro momento, trai o amigo Marquês de la Mota, ao substituí-lo num encontro secreto com sua amada Dona Ana. Finalmente, seduz Aminta, na própria festa de casamento, humilhando o noivo Batricio.

Don Juan representa quem ele não é. Faz-se passar por um outro, buscando na conquista afirmar “uma nova positividade” (SANTOS, 1988, p. 29), mesmo que não seja autêntica. Assim,

segundo Rank, “em **El burlador de Sevilla**, a relação com as mulheres não é questão de amor. A ação é constituída pelo desejo ambicioso de seduzir ou de vencer o rival” (RANK, 1934, p. 84).

A rivalidade presente no tema fixa-se dentro da concepção do duplo. Ao apropriar-se da imagem do outro, Don Juan instaura um problema, que, segundo Revol, se insere no tema do duplo (REVOL, 1999, p. 338). Os conflitos representados são relacionados à problemática do herói: o duplo é símbolo da busca da identidade através de uma ação que é externa, no mundo.

A identificação de Don Juan com o rival permite-lhe a fixação dentro de um espaço repleto de sentido, já que ele é um ser “do mundo”: sem laços, sem raízes, sem identidade. Em Tirso de Molina, a presença de Don Juan é bem marcada pelas arbitrariedades do herói: ele é procurado, é odiado e seu “nome”, sua “postura” tornam-se conhecidas. Assim, é fundamental para a história de Don Juan lograr o outro, pois é sua possibilidade de afirmação (REVOL, 1999, p. 339). Ele seduz as mulheres pelo simples fato de rivalizar com o outro, a fim de apropriar-se de um lugar, num processo de reintegração com o mundo. Mas o ato transgressor resulta em punição, condenando o personagem a uma existência sofrida.

Agora aproximaremos **Noite na Taverna**, de Álvares de Azevedo do tema de Don Juan, escrito por Tirso de Molina. Esse tema traz aos personagens a motivação de agir segundo aquilo em que acreditam, sem medirem as conseqüências. O que vale são as vivências, dando um pouco de espaço ao sujeito para movimentar-se numa realidade opressora. Trataremos dos três motivos presentes em Don Juan: a sedução, a rivalidade com o outro e a idéia de danação.

O desejo de seduzir a mulher aparece em cada um dos relatos de **Noite na Taverna**. Em *Johann*, antes do duelo, Artur entrega um bilhete ao oponente, que marcava um encontro amoroso com uma mulher. Depois de vencer Artur, Johann vai “à entrevista”, substituindo-o pelo simples desejo de possuir algo que não tinha: “Tive uma idéia: era uma infâmia” (AZEVEDO, 1995, p. 79). O desejo intenso de posse faz com que ele desonre sua própria irmã. Gennaro justifica sua relação com Laura, mesmo amando Nauza, com estas palavras: “O fogo de meus dezoito anos, a primavera virginal de uma beleza, ainda inocente [...]” (AZEVEDO, 1995, p. 47). Claudius Hermann, mesmo sob o fascínio de estar apaixonado por Eleonora, decreta ao ver passar a amada: “[...]esse homem jurava que nessa noite gozaria aquela mulher[...]” (AZEVEDO, 1995, p. 59). Por sua vez, Solfieri não resiste à figura desconhecida, “a forma puríssima”. O herói possui a mulher, mesmo achando que está morta: “o gozo foi fervoroso” (AZEVEDO, 1995, p. 24). Bertram, depois de amar intensamente Ângela, desonra a filha de um fidalgo que lhe deu abrigo e seduz a mulher do capitão que salvou sua vida.

Observamos que esses homens estão a lembrar suas histórias de conquista, do envolvimento com a mulher desejada. Podemos dizer que a ligação é estabelecida: a posse é concretizada de

qualquer forma pelo personagem, que escolhe seu objeto de desejo. Na trajetória de satisfação de seus instintos, os personagens perdem qualquer parâmetro ligado à moral, transitando pelo adultério, necrofilia, antropofagia, incesto, assassinato e traição, ou seja, quebrando as leis humanas e desafiando a justiça divina.

O motivo da rivalidade (marcada na ação do herói) é fundamental no tema donjuanesco, pois está inserido na idéia de duplicidade. Segundo Revol, sempre que pactua com as mulheres, Don Juan rivaliza com o outro. Forma-se um triângulo amoroso, em que o herói é “a encarnação do impostor” (REVOL, 1999, p. 338). A vontade de possuir o que não é seu vem de uma necessidade donjuanesca de ser o outro. É preciso, então, a supressão do opositor para a liberação do espaço desejado, mesmo que momentaneamente.

No texto de Azevedo, é permanente o confronto com o opositor quando o herói deseja possuir a mulher. O rival faz parte dessa dinâmica amorosa, e talvez até aumente a motivação do herói. Mas, na verdade, ele quer conquistar a mulher, e a partir desse momento, ele dribla qualquer empecilho que obstrua seu caminho.

Em *Bertram*, observamos como o herói se define: “um desgraçado que não pode viver na terra, e não deixaram morrer no mar” (AZEVEDO, 1995, p. 32). Em sua fascinação pela mulher do comandante do navio, o desejo de seduzí-la vem de uma idéia de reconstituição do ser. Esta mulher fez com que ele reencontrasse vestígios de valores e bons sentimentos: “eu derramara uma essência preciosa e límpida que ainda não se poluíra neste mundo” (AZEVEDO, 1995, p. 34).

Mas sempre que fazia afirmações de um lado, atacava seu rival de outro: “enquanto o comandante se batia como um bravo, eu o desonrava como um covarde” (AZEVEDO, 1995, p. 36). É um movimento quase simultâneo dentro da perspectiva do tema, pois a permanência do outro é sempre ameaçadora.

Em *Gennaro*, ao mesmo tempo em que o herói mantém um relacionamento com Laura e Nauza, leva Godofredo à loucura: “o velho parecia que endoidecia. Todas as noites fechava-se no quarto onde morrera Laura: levava aí toda a noite de solidão” (AZEVEDO, 1995, p. 48). Notamos que há um certo distanciamento no envolvimento com o rival; o que importa são os sentimentos do herói em relação à amada. Este pensamento se insere na condição individualista do personagem, característica donjuanesca. Como no tema, há a criação de uma lei individual, que no caso é a importância de seu amor por Nauza. Para ele, vale rejeitar Laura e assumir todas as conseqüências possíveis desse ato (como a infâmia do mestre) por este valor, que se torna a única coisa importante na sua vida.

A honra de Don Juan, segundo Renato Janine Ribeiro, é entendida como “o das relações mais íntimas, de sexo, de amor ou seu arremedo” (RIBEIRO, 1988, p. 14.). Os elementos sociais,

como a instituição de ações corretas para um homem honrado, não servem na perspectiva donjuanesca, da mesma forma que não as reconhecemos em *Gennaro*. O que ocorre com o velho é infligido e testemunhado pelo herói, sem nenhum sentimento de culpa. Somente quando ele se vê face a face com o mestre, percebe a profundidade do conflito, não suportando mais conviver com aquela situação. A supressão de um torna-se fundamental para a sobrevivência do outro. O personagem Gennaro resiste à tentativa de assassinato protagonizada pelo mestre, mas este se suicida.

O movimento do duplo no tema de Don Juan expressa-se, na sua melhor performance, na personagem Johann. A representação da idéia de duelo entre os duplos, a oposição fundamental que se forma a partir da caracterização tanto de Artur quanto de Johann, com a vitória de um sobre o outro, remete-nos à mesma problemática de Don Juan: de um herói errante, destituído de laços sentimentais, buscando no real algum sentido. Enquanto Artur deixa um bilhete para a amada e reza pela mãe, Johann surpreende-se: “lembrei-me que eu também tinha mãe e uma irmã...e que eu as esquecia” (AZEVEDO, 1995, p. 79).

Segundo Watt, uma das características principais encontradas no mito de Don Juan é a do homem solitário, sem laços familiares que o prendam: “nenhum deles tem um pai para recordar; nem irmão, esposas ou filhos; ou têm, mas deles se desligaram” (WATT, 1997, p. 131). Johann lembra de sua família, quando se depara com uma devoção expressa por outro. Artur fala: “Quero rezar... é uma saudade por minha mãe” (AZEVEDO, 1995, p. 79). O confronto entre os dois suscita em Johann uma consciência de si através da diferença. Essa problemática é exercida no âmbito do duplo no mundo. Como típico herói donjuanesco, Johann não busca dentro si as revelações de sua vida: busca-as no outro, se possível, possuindo tudo o que este tem de valor. Essa seria a mola propulsora de Johann, que justifica o desejo de possuir a namorada de Artur.

A questão da danação aparece nos relatos de **Noite na Taverna** como ideia de destino. Clément Rosset coloca que “É certo que não se escapa ao destino” (ROSSET, 1999, p. 83). Quando o homem está ainda vinculado ao plano divino, ele aceita aquilo que foi definido para sua existência. Mas, no momento em que o sujeito decide recusar esse vínculo, o movimento de retorno é doloroso, “em virtude do antigo adágio estóico segundo o qual ‘o destino guia aquele que consente e arrasta aquele que recusa’” (ROSSET, 1999, p. 83).

O desejo de conhecer de uma maneira mais absoluta sua existência faz com que os personagens azevedianos questionem seu destino e sua significação. Ainda no episódio I - “Uma Noite do Século” – de **Noite na Taverna**, a questão do fim das ilusões nos homens que viveram suas experiências é marcante. A taverna reúne homens com um só destino, seres que desejaram algum tipo de transgressão, levando ao paroxismo suas vivências. Agora estão condenados a remoer

o fracasso dos seus ideais. Lançados na embriaguez que alivia o peso da realidade, esses homens brindam “todos os nossos sonhos que mentiram, de todas as nossas esperanças que desbotaram” (AZEVEDO, 1995, p. 17)

À medida em que os relatos dos homens vão finalizando, as exclamações de agonia e de desespero frente à situação em que se encontram nos remetem a esta ideia de fatalidade. Bertram, no meio do naufrágio, percebe que os homens morrem à sua volta enquanto ele permanece intacto: “Cada vaga que varria nossas tábuas descosidas arrastava um homem – mas cada vaga que me rugia aos pés parecia respeitar-me” (AZEVEDO, 1995, p. 36). E o herói compreende seu fado: “a morte era para os filhos de Deus – não para o bastardo do mal” (AZEVEDO, 1995, p. 37).

A crença de que o destino seria uma vida harmoniosa está presente no imaginário do personagem, a partir das promessas de Deus: “rei na terra, vive de amor e crença, de poesia e de beleza, levanta-te, vai e serás feliz!” (AZEVEDO, 1995, p. 41). Mas, segundo o próprio herói: “é a ironia mais amarga, a decepção mais árida de todas as ironias e de todas as decepções” quando a realidade surge: “[...]ilusões! a realidade é a matéria: Deus escreveu Anankhe na frente de sua criatura!” (AZEVEDO, 1995, p. 41).

No conto *Gennaro*, o retrato feito por Laura revela a falta do herói, que tenta fugir da punição. Apesar do desenrolar da história apontar para a morte de Gennaro, ele sobrevive ao assassinato do velho, mas quer reverter a condenação: “Viver com aquele remorso me parecia impossível” (AZEVEDO, 1995, p. 53). Mas ao chegar à casa do mestre, o personagem encontra todos mortos, impossibilitando modificar aquilo que lhe foi destinado, ficando a culpa eterna.

Na história de Claudius Hermann, a presença de Eleonora torna-se um “talismã irresistível” ao herói. O desespero de transgredir seu destino aqui se encontra: “Meu Deus! Meu Deus! por que tanta infâmia, tanto lodo sobre mim? Ó minha Madona! Por que maldissestes minha vida, por que deixastes cair na minha cabeça uma nódoa tão negra” (AZEVEDO, 1995, p. 67). A relação do protagonista com Eleonora torna-se um pedido de redenção: “Acerquei-me dela: ajoelhei-me como ante Deus” (AZEVEDO, 1995, p. 72). A morte da duquesa põe fim ao desejo do herói de reverter seu destino. Por fim, Johann exclama ao final de seu relato: “Na verdade sou um maldito” (AZEVEDO, 1995, p. 81).

Enfim, **Noite na Taverna** traz a marca das experiências dilaceradas de cinco homens que representam as inquietações humanas. As situações vividas pelos personagens sugerem a postura do homem romântico, afirmando sua individualidade no âmbito social, utilizando como artifício o percurso do herói Don Juan, mas que se defronta com o fracasso, o mesmo presente no tema donjuanesco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Álvares de. **Noite na Taverna**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

MOLINA, Tirso de. **El burlador de Sevilla**. Bogotá: Oveja negra, 1996.

RANK, Otto. **A figura de Don Juan na tradição**. Rio de Janeiro: Machado & Ninitich, 1934.

REVOL, L. Double. BRUNEL, Pierre. (Org.). **Dictionnaire de Don Juan**. Paris: Robert Laffont, 1999.

RIBEIRO, Renato J. A política de Don Juan. In: _____. **A sedução e suas máscaras: ensaios sobre Don Juan**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Don Juan e o nome da sedução. In. RIBEIRO, Renato J. (Org.). **A sedução e suas máscaras: ensaios sobre Don Juan**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WATT, Ian. **Mitos do individualismo moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.